

Figurabilidade e a Menina que não teme o tempo¹

Regina Lúcia Braga Mota² e Keyla Carolina Perim Vale³

Resumo: Neste artigo, os estudos sobre a figurabilidade são a base para se apresentar o desenvolvimento da análise de uma paciente centenária, chamada aqui de Dona Menina. A partir da apresentação de alguns excertos clínicos, percebe-se que a analisanda tenta “deixar-se ir”, ou seja, Dona Menina, com seus quase 100 anos, procura um fôlego na análise para sustentar a crueza da inexorável iminência da morte. Com a aplicação desta ferramenta – a figurabilidade –, intenta-se levar o psiquismo da paciente ao gozo de uma existência vivida, ressoando assim, neste corpo, as tentativas de um “bem morrer”.

Palavras-chave: figurabilidade, alucinatório, regressão formal, primeira tópica freudiana

*Figurabilidade em Psicanálise (ou onde os sabiás divinam)
Junto aos encantos e sons da clínica
nos apareceram os pássaros:
Esses que nos diziam de irrepresentáveis.
Assim sem forma, sem contorno e sem jeito de ser...
E por não saber identificar (em nós)
todos os sons, voos e cores,
buscamos muitas informações e deixamos de nos-adivinhar...
Até que, daquilo que não sabíamos, em alguns anos encontramos.
E o que exatamente nos apareceria primeiro?
A imagem-passarinho?*

1 Este artigo se baseia na palestra ministrada pelas autoras no dia 07 de Outubro de 2020, no Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo, em decorrência das atividades científicas em comemoração aos 50 anos do surgimento da Sociedade de Psicanálise em Brasília (SPBSB).

2 Membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

3 Membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB) e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG). Mestre em psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

O canto-suave-sabiá?
 O divino-sentido-dentro do-peito?
 Ou todo o encanto-de gente-que-adivinha?
 Ainda seguimos sem saber,
 pois assim qualquer sequência do azul
 nos faz hoje divinar...
 (KEYLA CAROLINA PERIM VALE)

Introdução

A figurabilidade é uma forma peculiar de apreensão sensorial imagética das experiências vividas pela dupla na situação analítica.

Na tentativa de se abordar as patologias atuais no processo analítico, a intensa interrelação de subjetividades pode propiciar o surgimento da figurabilidade. Trata-se de um fenômeno que aparece em forma de imagens, sons e até sensações (olfativas, sinestésicas etc.) ou mesmo como um pensamento que se incrusta de forma insistente, exercendo uma forte sensibilização na dupla psicanalítica (Botella & Botella, 2003). Pode se manifestar de uma forma corriqueira ou inesperada, como uma imagem inacabada ou um *flash* onírico e se originar tanto na mente do analista quanto do paciente. A análise dos sonhos mostrou, conforme Freud (1900/1996c), que as representações oníricas são inconscientes e insuscetíveis de se tornarem conscientes, sendo governadas por leis diferentes das que vigoram na consciência.

Além de estar atento ao que ocorre no *setting*, o analista deve também considerar suas próprias sensações para conseguir acessar o mundo psíquico do paciente. Ao obter uma aproximação ao trauma sexual primordial, originado de sensações, com uma possível nomeação, representação ou simbolização, possibilita-se a realização do trabalho psicanalítico. Portanto, a figurabilidade, aliada à técnica psicanalítica, pode se tornar uma ferramenta, um instrumento valioso e, muitas vezes, até mesmo o único meio para viabilização do processo analítico.

A raiz da figurabilidade pode ser encontrada em Freud (1900/1996c), especificamente em sua obra “A interpretação dos sonhos”, onde a apresenta como o quarto mecanismo do trabalho onírico sob a

égide de “condições de representabilidade”.⁴ Embora não tenha se dedicado ao seu desenvolvimento, Freud a definiu como uma percepção interna, uma imagem com força sensorial, um ato preparatório para um processo onde o pensamento se transforma em imagens visuais e em fala, para serem utilizadas no tratamento analítico (Freud, 1900/1996c).

Em seu texto “O inconsciente”, Freud (1915/1996d) também se aproxima do conceito de figurabilidade ao explicitar o que denominou de “representação-coisa”. Fazendo a distinção entre representação consciente e representação inconsciente, ele afirma que esta é apenas a representação da coisa enquanto a outra é a representação da coisa mais a da palavra. Assim, a palavra corresponde a uma associação entre representações-coisa e representação-palavra. Ao trabalhar a representação, que é complexa, Freud abriu espaço para analisar o que escapava à cadeia simbólica, mas que pode ter um caráter ativo na vida psíquica do sujeito, abrindo assim caminho para a importância do estudo da figurabilidade.

São várias as considerações dos analistas franceses sobre este tema. Para Aulagnier (1975), a tarefa mais árdua do intérprete consiste em encontrar palavras que tornem figuráveis para os dois parceiros as representações de coisas. Kahn (2001) explicita que o paciente reatualiza suas experiências na sessão de análise, cabendo ao analista “figurar” as formações inconscientes por ele trazidas, tomando por base as linhas de força e fraqueza na expressão e disposição da fala e considerando tanto a prosódia quanto o ritmo.

Por outro lado, existem vários pesquisadores da figurabilidade que a consideram em uma zona de diálogo com o trabalho dos sonhos. Basearam-se numa interpretação da primeira Tópica freudiana (1900/1996c).

Lisondo (2010) afirma que a figurabilidade está ligada a uma linguagem sem gramática, linguagem do sonho, noturno ou em vigília, e, sendo assim, ela só poderá ser compreendida pela *reverie* (devaneio) do analista.

Quinodoz (2001) define a noção de figurabilidade que pode ser compreendida “à luz da fantasia inconsciente” e ela “explicaria porque

4 Na primeira edição das obras completas de Freud em francês, o termo foi traduzido como *Figurabilité*.

alguns sonhos parecem mais significativos do que outros aos olhos do psicanalista”. Outros autores como Janin (2001) e Carels (2001) argumentam que a figurabilidade é a inteligibilidade mais elementar e a mais apresentável à consciência.

Para o casal Botella, pioneiros nesta modalidade, a figurabilidade tornou-se fonte de pesquisa desde sua ocorrência em momentos inexplicáveis da sessão com crianças, em casos limítrofes, e mesmo com aqueles adultos que escapavam aos esquemas habituais de tratamento. Sentiram espanto, ficaram intrigados e se ocuparam então em abordar centralmente o tema, tendo suas primeiras publicações no início da década de 1980.

A figurabilidade, como imagem ou representação, é transportada para o universo da palavra, de modo a ser possível uma compreensão e nomeação de um material inconsciente, ou seja, ela trata de articular o universo não-verbal do discurso expressivo, próprio das emoções, com o universo verbal. Assim, para que as emoções possam se tornar pensáveis e comunicáveis, devem passar por um trabalho de transformação e adquirir uma forma apropriada, ou seja, uma figurabilidade. Desse modo, a figurabilidade do analista corresponde à vinculação com um não-representável do paciente e, dessa forma, ele poderá usá-la na interpretação. (Botella & Botella, 2002).

Cesar e Sara Botella (2003) afirmam que certas emoções e afetos (bem como seus efeitos traumáticos), ocorridos “antes da linguagem”, só podem ser “ouvidos” pelo analista se ocorrer uma figurabilidade, estando seu pensamento na via regrediente. Sugerimos que, neste caso, o psiquismo do paciente estaria aquém das representações de palavras e de coisas, pré-conscientes e inconscientes. Para melhor compreender as relações entre a via regrediente e a figurabilidade – e com o intento de se precisar de forma mais aprofundada a aplicação técnica desta ferramenta –, abre-se agora um novo tópico.

A regressão formal e a figurabilidade

Botella (2016) utiliza o termo “regrediente” não como sendo um retorno a estágios anteriores, mas sim um “atalho”, uma capacidade

específica do trabalho onírico de preservar intacta uma qualidade primária do funcionamento psíquico, a saber, a reformulação de um conteúdo de representação em imagens sensoriais.

Para esclarecer o que significa a “via regrediente”, que transforma representações de palavras em imagem, Freud (1900/1996c) utilizou o termo “regressão formal” a fim de descrever o percurso até a satisfação alucinatória, entretanto sem ter o caráter de retorno a uma etapa anterior do desenvolvimento. Seria então uma capacidade psíquica não regressiva, mas regrediente, fazendo parte da plasticidade normal do funcionamento psíquico.

Assim, se a regressão formal encontrar no seu caminho uma representação-significante que sirva de elo aos diferentes elementos presentes, conscientes e inconscientes, a figurabilidade poderá ser eficaz ao dar “sentido e coerência” a esses elementos que, por serem vários, faz com que a representação fique condensada e tenha uma tendência alucinatória.

O casal Botella (2003) utilizou o termo regrediência para descrever a capacidade psíquica em funcionamento nas regressões formais. Para eles, a regrediência seria tanto um estado psíquico quanto um movimento em devir; uma forma de funcionamento psíquico que se manifesta abertamente durante o sonho, mas que está também em permanente atividade; um potencial de transformação presente em cada momento da vida, inclusive a diurna. Sua dinâmica é original; faz emergir o acontecimento que constituiu o sexual primordial, podendo incluir simultaneamente todos os elementos presentes num momento dado. Em um mesmo movimento, a regrediência pode provocar inúmeras novas ligações, criando assim novas causalidades. Essas ligações podem se referir às mais originárias, em que se encontra o sedimento de um procedimento primordial da vida psíquica, aumentando assim as possibilidades de compreendê-la.

A análise possibilita um pensamento regrediente, isto é, utiliza a capacidade de *reverie* do analista e tem o efeito de abrir a mente do analisando para os estados afetivos infantis em zonas não representáveis. Não é uma interpretação de algo que já esteja lá, mas sim, uma criação que retoma o sexual primordial. Nesta criação, retomam-se as ligações amorosas de pulsão de vida. Conforme Green (2000) acentua

em seu livro *As cadeias de Eros*, essa energia ligada contrapõe-se ao caos da pulsão de morte do irrepresentável.

Para Diatkine (2001), “a regressividade traz o evento que constituiu o sexual primordial. É por isso que a figurabilidade é o único meio de acesso possível às zonas psíquicas irrepresentáveis do paciente” (p.1112). Assim o paciente, em análise, parece adquirir a potencialidade de um acesso a recônditos, até então, pouco explorados. Vale dizer que há um sentido de convicção nesse acesso. É Diatkine quem irá ponderar: “a regrediência é uma ‘acentuação’ da regressão formal a que se somaria a ‘convicção’ na realidade ‘material’ do que é, no entanto, apenas a representação” (2001, p.1111).

Muitos autores evocam as associações entre o trabalho regrediente e o sonhar. Existe uma semelhança da regrediência, no trabalho psicanalítico, com o trabalho do sonho, na medida em que ambos atuam como local de encontro para condensar a energia retida no processo de figurabilidade.

O analista estaria criativamente aberto a uma tecelagem de representações: na escuta, desenrolam-se fios de pensamentos comuns, permeados por falhas e acidentes na linguagem, de onde um interdito será revelado. Vale dizer que esse movimento de regrediência implica, no analista, um estado de receptividade, que pode ser considerado falha ou acidente de pensamentos comuns, deixados de lado na escuta associativa.

Importante ressaltar que, conforme alguns autores, existe uma vocação do sexual primordial para uma realização alucinatória interna – isso se torna uma função do estado alucinatório. Assim, a complexidade adquirida do psiquismo é um resultado de todas essas elaborações do mundo interior. O caminho da figura à palavra é progrediente. Mas a dificuldade é se chegar a essa figura: daí que a figurabilidade oferece à dupla psicanalítica uma saída representável a esse problema.

Botella se remete ao menino que não falava, paciente de Sara que, de certa forma, inaugurou o estudo sobre o tema. Ela não sabia o que fazer e entrou numa espécie de sonho – regrediência. Recordou que leu “O homem dos lobos” na véspera. Está tarde e ela está com fome. Tudo se convergiu em uma palavra: “lobo”. O menino percebeu que Sara estava preocupada e então se apropriou da imagem do animal, trazida pela

psicanalista à sessão. Sara copia os gestos animais com a mão e a face, dramatizando a palavra lobo. E o menino vai embora fazendo os gestos e verbalizando, após uma mudez de sessões a fio, a palavra: lobo.

Casos de figurabilidade foram apresentados no Congresso de língua francesa, realizado no ano de 2005 em Lisboa, quando foi lançada a ideia da terceira tópica,⁵ com Chervet, Brusset e outros. No Congresso da IPA em Berlim, em 2007, o casal Botella continuou desenvolvendo sua ideia acerca do tema, bem como Marucco (2013).

Outro exemplo emblemático de figurabilidade na clínica foi citado por Brusset (2005). A paciente sentia, quando entrava no consultório, um cheiro de formol, que primeiramente associou a uma rã dissecada em laboratório. Pouco depois, lembrou-se de um crucifixo que ficava em cima da cama dos pais onde dormiu até os 14 anos, relacionando-o às relações sadomasoquistas do casal e ao medo de que eles se matassem – daí a ideia do cheiro do formol, que apareceu oniricamente nas sessões.

Nesse sentido, percebe-se, com Cesar Botella (2016), que há uma memória sem lembrança, cujos traços não se inscrevem no psiquismo, sendo necessária a instalação de um processo de natureza alucinatória, criador do sentimento de convicção. Seria o retorno de um sentimento advindo de uma época em que o inconsciente não foi capaz de uma representação.

Considerando essencialmente pacientes não psicóticos, busca-se um estado alucinatório regressivo diurno, como nos sonhos noturnos, só que fora do estado psíquico de sono. Para Botella e Botella (2003) isso é possível porque, na hipótese deles, existe uma aptidão normal de nossa psique para a expressão alucinatória, como nos sonhos noturnos. Todavia, este fenômeno é permanentemente restringido para a manutenção do princípio de realidade. Para esses autores, a capacidade alucinatória não é a consequência de uma rejeição ou uma “abolição do

5 No pensamento Kleiniano, a noção de protofantasias e de um desenvolvimento emocional primitivo se aproxima de uma terceira tópica, mais primitiva do que as demais. Alguns autores, como Bion e Winnicott, despertaram para a relação sujeito-objeto sobre a relação pulsão-objeto, também compondo traços da terceira tópica. Já a investigação de Bion se tornou interessante quando ele e outros autores conseguiram pensar sobre a ligação entre a alucinação e a intuição analítica. Os caminhos possíveis para a ideia de uma terceira tópica foram apresentados no Congresso de 2005, em Lisboa. Green, a priori, não concordou.

interno”, mas é uma capacidade regressiva do pensamento aparente para uma forma primitiva do aparelho psíquico.

Vale ainda ressaltar que, para os Botella (2003), não é suficiente dizer que o desejo vai em direção a uma realização alucinatoria – o mais exato é considerar que o alucinatório é constituinte de uma parte do desejo inconsciente, uma parte não-representável. Resta dizer que a qualidade principal do alucinatório, no trabalho da figurabilidade, é a sua atemporalidade – resguardada por Freud (1937/1996b) como uma característica do inconsciente, pertencendo a uma tendência alucinatoria de um desejo inconsciente *em si*.

O estado de regrediência é buscado, pelo analista, a partir de uma espécie de “atenção flutuante”, anunciada por Freud. Considerada como uma primeira regressão, a atenção flutuante deixa livre seu inconsciente, que pode ser tomado pelas formas de funcionamento semelhantes aos mecanismos do trabalho do sonho. Ao psicanalista em seu trabalho analítico habitual, interessam os *acidentes* ocorridos no curso de seus pensamentos em associação livre, interessam as rupturas facilitadas pela regressão dos mesmos. Um estado de mente quase-alucinatório é necessário para que aconteça a figurabilidade, possibilitando, assim, o acesso ao conteúdo inconsciente a ser analisado na sessão de análise, que muitas vezes não se apresenta pelo caminho habitual de se retomar as memórias e ideias.

É necessário então que o analista aceite passivamente que se produza nele uma acentuação na regrediência de uma forma que o surpreenda, de uma forma que seu psiquismo alcance uma regressão formal do pensamento, chegando ao quase-alucinatório de um trabalho de figurabilidade diurna. Isto acontece como uma reação do psiquismo do analista, um sobreviver psíquico frente a um negativo de trauma do paciente, um irrepresentável desorganizador e destruidor.

O estado de regrediência em um alucinatório está dentro do funcionamento psíquico que ocorre na clínica. Por meio desses processos, aqui esmiuçados, a análise funciona, ou seja, o psicanalista pode acionar, por meio da figurabilidade, nesse estado regrediente, um material inconsciente antes não-representável, fazendo impulsionar a análise e tornando o processo terapêutico mais eficaz e profícuo.

A seguir, apresentamos o material clínico de uma paciente centenária, atendida, com a aplicação recorrente da figurabilidade, no correr de três anos de tratamento psicanalítico. Aos leitores deste artigo, pedimos licença para a mudança de voz narrativa: as próximas linhas serão apresentadas não mais a partir da impessoalidade da terceira pessoa do singular – utilizada no percurso teórico desenvolvido até aqui. Ao contrário, elas serão desenvolvidas a partir do “eu”, pois se trata da relação de transferência específica entre a analisanda Dona Menina e a psicanalista Keyla Carolina Perim Vale.

Por que “Dona Menina”?

Por que Menina? Talvez pudéssemos pensar que a menina, a criança, tem todo o tempo do mundo... Elas têm todo o tempo para aprender, para brincar, para conversar e para viver. Cada novidade é um sonho e cada sonho um tempo de alento para o que ainda pode vir. Dona Menina, assim por mim nomeada, uma senhora com 95 ou quase cem anos, conforme ela diz, se apresenta como uma pessoa simples, de pouco estudo, mas com uma linguagem simbólica encantadora. Se olharmos para esta senhorinha com um olhar de-dentro, ela quase se parece com uma Menina.

Ela é miúda e pequena e, mesmo na pontinha da cadeira, os pés dela não alcançam o chão. Ela sempre arrasta a cadeira para bem pertinho da minha... Sua chinelinha havaiana, presa aos dedos e dançante no ar, faz uma espécie de barulho, quase assim: *um ploque, ploque, ploque* (que me aparece como som, como nota musical).

O barulho dos chinelos – que tocam os pés que balançam – embala Dona Menina e ela o usa como se fosse uma cantiga, usa para cantarolar no silêncio produtivo do consultório de psicanálise. Percebo o corpo de Dona Menina como o de uma criança que se embala, povoando de sons o consultório outrora mudo. Se assim vejo, recorro a Pontalis (2005, p.133), que diz: “são as fantasias da criança que estão mais próximas do que está efetivamente em jogo e não o saber dispensado pelo adulto”. E mais: “Do saber à fantasia, da fantasia ao saber. A criança da Psicanálise, no espaço de um instante, faz vacilar o saber da mãe-psicanalista” (Pontalis, 2005,

p. 140). Brincando com essas fantasias, com o jogo das crianças e das senhoras de quase cem anos, expandindo a compreensão do que pode significar viver todos esses anos em vários instantes de felicidade ou dor, sem nos colocarmos em um lugar ou com uma pré-concepção fixa atribuível, tem-se o inconsciente, tem-se a vida, tem-se morte.

Para compreender melhor e visualizar a ocorrência e o uso da figurabilidade com essa paciente centenária, em luta para entender a proximidade da morte e os sonhos persistentes da menina que um dia foi, recorro a excertos clínicos da analisanda Dona Menina. Antes de tudo, apresento-lhe as questões-guias para a leitura deste relato: o que uma senhorinha de quase cem anos de idade busca na psicanálise? Pode a psicanálise ser de alguma utilidade a esta altura da vida? Seria a psicanalista capaz de bem exercer o seu ofício neste momento da existência humana?

Figurabilidade no “rói, rói” dos cupins... Na noite!

Certa vez ela me diz dos cupins, uma imagem que ela trouxe sozinha, formada por ela. Eles apareciam à noite, quando ela estava só tentando dormir e eles ficavam roendo, roendo...

Analista – Como é um cupim, Dona Menina?

Dona Menina – Não sei. É marrom, tipo essa sua cadeira e essa sua mesa.

Olhando a cor, me vem a imagem de uma barata: um inseto visível, ao contrário do cupim, e que tem vida longa...

Analista – Os seus cupins são como baratas?

Dona Menina – Só que um pouco menores...

Um cupim que só aparece à noite. Que rói, rói, rói. Será que o cupim dela deixa um pó, um rastro, como esse que se vê sem ver o bicho, sem enxergar a coisa? Ela vê o cupim ou vê apenas o rastro? O rastro é o barulho? O fato é que o momento de escuridão – noite – para ela tem movimento de vida. Dona Menina faz sua noite ser a vida dos cupins, a vida que chama, que faz barulho como os bichos.

Ela vive. Ela não vê o cupim. Do cupim, ela tem o barulho, ela tem o que rói, ela tem o movimento enquanto se deita. Desse modo, Dona Menina parece viver a própria morte, parece percebê-la, escutando o

perigo que rói no silêncio da noite, naquele mais um dia em que ela não sabe se acorda.

Vê-se assim, por esta figurabilidade, que há o incômodo do bicho-cupim, que lhe atazana o sono, que rói a própria vida, mas que essa angústia da quase-morte na noite de minha paciente não se situa no campo da inatividade, mas se situa no campo da ação, do movimento, do ativamente escutar e perceber: da vida acontecendo.

Figurabilidade na espinha do peixe... No pum-ar!

Assolada por seus desalentos, em outra sessão Dona Menina apresenta mais uma experiência sensorial que me fez tocar no interdito de sua dor. Ela diz de uma espinha de peixe machucando a sua garganta. Pede-me para tocar em seu pescoço de pele fina e macia. Eu toco. Não vejo espinha alguma, nem nas vistas nem no tato. Assim me parecia que, colocando a dor em forma de espinha, a paciente se esquecia da dor que fazia doer os olhos e a cabeça.

No caminhar das sessões, percebo um movimento incipiente da analisanda: Dona Menina quer tocar essa espinha, quer cutuca-la para o movimento.

Dona Menina – Agora a espinha de peixe conversa, de um lado para o outro.

Analista – Como é o som da espinha de peixe?

Dona Menina – Cra (apontando de um lado) e Cra (apontando para o outro lado da garganta). E fica Cra, Cra, Cra e Cra. Um conversa e o outro responde. E, quando começa, não para não!

O som – do cupim escutado à noite, do peixe morto que em sua garganta conversa – diz-me de sua disponibilidade para algo que não é estático e fechado. Para Dona Menina, a luta contra o estático é tão poderosa e vital, neste ponto de sua vida – o ponto da velhice –, que certo dia, em outra sessão, a paciente reclamou de falta de ar.

Dona Menina – Caçar o ar e não encontrar é a pior coisa que tem!

Analista – E uma hora ele volta para dentro, para você?

Dona Menina (ofegante, responde) – Não sei...

Escuto-a. Nesse dia, ela respira doída e seca. Ao vê-la assim, com dificuldade, tenho a sensação concreta de ouvir o sem-ar. De fato, o ar não entrava nela mesmo, mas a rodeava, num ritmo pausado, denso, como uma melopeia insistente de angústia a povoar o *setting*. Nunca soube o que seria isso: o som do sem-ar... Lembro-me aqui, neste ponto, de Rolland (2016, p. 7) que nos alenta com a ideia de que “há algo, na natureza humana, destinado a jamais se encontrar, marcados que somos pelo inacabamento, pela provisoriidade e pelas incongruências”.

Depois de mais um instante nesse clima, ela pareceu se acalmar um pouco. Seguiu para a porta de saída e, antes de sair completamente do consultório, respirou fundo, soltou um pum (ar) e disse: “*opa, escapou um gás*”... E assim ela pareceu aliviada. Ela tanto procurou que, quando acalmou, encontrou e soltou. Deixou ali para poder talvez voltar, buscar de volta. Talvez o que ela quisesse dizer fosse que naquele nosso lugar estaria o “ar” dela, aquele que a constituiu e que a alivia em sua luta. Fico sem saber ao certo. Mas esse “sem saber” passa pelos sentidos. E a análise se potencializa por esse processo de onirização, produzido via figurabilidade da dupla.

Figurabilidade na dança de Dona Menina... No gozo de viver!

Dona Menina chega ao consultório dizendo: *Não dá. Agora ela tá me acusando de dançar assim* (gesticula com os braços, levantando-os para cima) *pelada e me chamando de Dona Menina pelada... eu não tô nem dançando. Nunca fiquei pelada... Minha mãe nunca permitiu nada disso, ela era brava. Nunca mostrei minha bunda pra ninguém, nem pra homem nenhum. Eu não quero nada com nada. Eu quero é ficar livre. Sei lá, o dia em que for a minha hora, eu estarei tranquila*”.

Analista – E como será que é ficar livre, Dona Menina?

Dona Menina – *Não sei. Mas a Joana era ruim mesmo, desde criança. E agora está me chamando de Dona Menina pelada...*

Analista – E para quê a Sra. acha que ela faz isso?

Dona Menina – *Não sei. Isso é pouca vergonha dela. Fica vagabundando e depois aparece com um neném. Não vou tolerar isso de ficar*

me chamando de Dona Menina pelada... deixa ela comigo que eu coloco ela no eixo.

Analista – E do que será que ela estava falando, quando ela fala da Dona Menina pelada?

Dona Menina – *não sei. Ela fazia assim com a blusa ó (neste momento, Dona Menina balança a blusa e levanta os braços e depois ri muito e livremente)*

Em um outro momento, na sessão:

Dona Menina – *Agora o diabo da mulher que dança voltou.*

Analista – Ah, sim. Ela voltou? Onde ela estava?

Dona Menina – *É. Ela dança comigo nuazinha, peladinha...*

Analista – Então desta vez não é a Sra. quem fica pelada? É ela?

Dona Menina – (gaguejando um pouco) *sem nem tirar a roupa, ela fica pelada.*

Analista – Dançar pelada pode ser uma saída bem divertida.

O que Dona Menina está tentando me dizer? Quais são os seus sonhos? E o que significa esse “dançar pelada”? Essa imagem se apresenta com uma continuidade, seguindo um caminho para outras associações. Em seu discurso, a paciente vai a associando a outras lembranças e registros, tais como suas relações familiares e a moral ao qual fora sempre subjugada.

Bion (citado por Ogden, 2010) considera “o trabalho inconsciente do sonhar como um trabalho que é de importância primordial para efetuar mudança e crescimento psicológico” (p. 129). Nesse movimento de “dançar pelada”, que aparece de forma onírica, penso na possibilidade de ela se libertar das amarras, das pressões sociais e até do próprio corpo (de quase 100 anos). A atuação corporal de Dona Menina na sessão demonstra que, naquele espaço e naquele instante, conseguiu expressar o seu sonho-acordada: ali comigo, na sessão, gesticula seus braços e balança sua blusa, rindo alto e livremente!

Dona Menina usa a imagem da exposição do corpo nu que para ela, no correr das sessões, talvez signifique o moralismo daqueles que a julgam em seus “pecados”. Entretanto, desta vez não é ela quem fica pelada. É alguém nu que dança com ela! O apontamento já não é mais à nudez da paciente – ao desmascaramento de um corpo velho, julgado

por todos –, mas é ao outro que está pelado. Pode ser que, com o avanço das sessões, Dona Menina estivesse se sentindo menos julgada. Afinal, o corpo sem vestes não era mais o dela, mas o de alguém que dançava e brincava ao ritmo que ela estabelecia. Tal atitude de ser livre promove uma mudança nas pré-concepções da paciente e sinaliza alguma possibilidade de sonho para ela mesma.

Sonhar, aqui, significa poder *ainda* sonhar o próprio corpo, a despeito dos quase 100 anos. Por fim, pude verificar que houve a transformação do ressentimento – advindo das agruras de sua vida – em compaixão por si mesma: é seu corpo, assim contornado de feridas, que tem ainda as pequenas liberdades de brincar, com braços altos, dedos saltitantes, blusa que se mexe e salta ao vento. Ela quer saber “deixar-se ir”.

Figurabilidade na morte de bernes... A luta do psiquismo vivo!

Dona Menina chega dizendo estar cansada, respirando ofegante. Pergunto-lhe o que está acontecendo:

Dona Menina – Nossa, eu fico sozinha lá e fico pensando, meu Deus, ainda tem tanta coisa para fazer nessa vida.

Analista – E o que são essas coisas, Dona Menina?

Dona Menina – Hein? Não sei. Tem até os bernes na mão que não tem jeito. Aqui, ó (põe a mão sobre o enfaixado, apontando para o machucado). Aqui tá cheinho de berne! Acho que são uns 10 ou 12.

Analista – E de onde veio esse bicho?

Dona Menina – Eu não sei. Quando eu descobri, esse trem já estava, como que se diz, preto, já tava muito. Mas tem que ter paciência, né? E dói muito a mão e parece uma verruga grande. E daí tem que tirar para ver... e tirando isso, acabou.

Analista – Mas daí acaba mesmo?

Dona Menina – É, acaba! E isso que tá machucando acaba mesmo. Esse trem tá aqui chupando o meu sangue.

Analista – Então, parece que tem uma coisa aí dentro de você, há muito tempo, levando seu sangue.

Dona Menina – Ué, tem que tirar eles e matar de um por um. Se não, não acaba. Se você tira só um, de uma vez, ele vai para outro lugar.

Por isso tem que tirar devagar. Por isso que eu falei, meu Deus, tenho que caçar um jeito com a vida.

Analista – E como seria caçar um jeito com a sua vida, Dona Menina?

Dona Menina – É que desse jeito não dá para ficar. É que dói muito. Não dá para ficar com essa dor no braço. E são muitos, não sei. E eu pergunto para Deus como é que foi acontecer isso...

Analista – Mas quando tirar e tudo acabar, o que acontece?

Dona Menina – É, daí chega o fim. Se tirar tudo não fica os filhotes. Mas tem que ter muito cuidado. Tem que fazer a limpeza de uma vez.

Analista – E na limpeza, de uma vez, eles morrem? E morrem para sempre? E a Sra. fica? Eles se vão?

Dona Menina – É, não se pode brincar porque rapidinho a morte vem.

Analista – Ah, então é só brincando e se distraindo que a morte vem! Você se distraiu com os bichinhos em sua mão e eles voltaram.

Dona Menina – Agora que juntou feito formigueiro de novo, danou! Ficou parado, não pode, tem que tirar tudo. O trem é difícil e duro. Eu tenho sofrido. Morde muito e o tempo todo.

Analista – Se tirar o Berne, acaba tudo.

Dona Menina – Tirando ele rápido! Abre a ferida e acaba com o berne. O trem é danado. Agora eu vou embora e outro dia eu volto para ver se acabou ou não acabou.

E continua:

Dona Menina – A vida é dura, um sobe e desce muito grande. Um cansaço muito grande também. Se vou para um lado caio no buraco, se vou para outro lado, caio também. Não tem saída, é triste! Se escorrego, deslizo direto para o buraco!

Este foi o primeiro dia em que ela disse concretamente, sem o uso de imagens, sobre morrer. E ela repete muito isso... E eu escuto muito isso! Olhando para ela, reparo os olhos pequenos e inchados. Será que são suas lágrimas? Ela estava chorando? Ou foi algo no corpo? Algo de vida? Ouço então uma sequência grande de palavras e frases completas em que não compreendi nada... Pareceu-me somente um som rouco, feito para sentir, sem tentar entender; só murmurado, esmiuçado pelo olhar encantador do-dentro. Fiquei olhando sem entender o olhar.

Quando retomo a compreensão do som, reconheço a frase: “*Se der para ficar firme eu posso me salvar, se não der, escorrego e vou...*” Era Dona Menina com a ideia de tentar caminhar firme, sem cair e sem escorregar. Penso por um instante no que me aconteceu... Desliguei-me? Talvez... Ainda sigo sem saber.

E o que somos? Até onde vamos? O que sonhamos e por onde andam nossos sonhos? “E, nós, indivíduos, somos vividos para o quê?” – pergunta intrigante proposta por Pontalis. Dona Menina começa esta sessão dizendo das tantas coisas a se fazer nessa vida. Num movimento de esperança ou força de vontade, ela pensa na própria vida! Pensa nas coisas que *ainda* tem para fazer enquanto viver...

E pensar sobre a própria vida também é tentar construir nossa transitoriedade. Freud (1916/1996a), no texto *Sobre a transitoriedade*, apresenta uma densidade poética que impressiona ao afirmar: “A beleza da forma e da face humana desaparece para sempre no decorrer de nossas próprias vidas; sua evanescência, porém, apenas lhes empresta renovado encanto” (p.317). Será que poderíamos pensar nossas vidas e esta que Dona Menina nos apresenta a partir da evanescência? Acho que sim e, por isso, Dona Menina me encanta tanto. Mesmo com tão avançada idade ela segue sonhando.

Construir nossa transitoriedade é também pensar sobre o tempo. E Ferrari (2004) propõe fracionar o tempo em unidades cada vez menores para torná-lo plenamente visível em cada instante. São situações em que não se pode contar com um amanhã, mas sim com um “ainda não é amanhã”. Para um tempo e um amanhã que ainda não são, retomo Dona Menina. Será que esse é o tempo que ela *ainda* tem?

Nessa circunstância em que o tempo é escasso na objetividade, ele deixa de ser relativo e se torna absoluto, ou seja, cada momento contém em si todo o tempo de vida! Construindo nossa transitoriedade e pensando sobre o tempo que ainda temos, chegamos à morte. A temática da morte é constitutiva para a psicanálise, tanto para nós quanto para nossos pacientes.

A escuta poética e esta maneira de tratar o material clínico via figurabilidade – aqui apresentada – possibilitou-me, enfim, ver e sentir o inconsciente da sessão. As muitas imagens apresentadas por Dona

Menina me induziram a uma forma de apreensão muito específica da minha prática: captei o clima, todo o colorido e a atmosfera da sessão, que incidiram em minha disposição de espírito para criar penumbras associativas dentro das quais as imagens se destacavam pouco a pouco, sem jamais se fixarem rigidamente (Figueiredo, 2014).

Embora não seja possível determinar um sentido único à luta da paciente, o que se sabe é que ela, até a chegada da morte, e inclusive para que ela consiga chegar ao derradeiro instante, vive a partir de um fluxo incessante. Como todos nós. Como na história que contam por aí, se Dona Menina tivesse mil e uma noites, mil e uma imagens e metáforas de luta surgiriam – nisso que “não para” e que “ainda-vive”, a despeito do que é petrificante ou imobilizador.

Considerações finais

Diante de tudo que foi apresentado, questionamos: será que o rói-rói dos cupins estava denunciando um psiquismo vivo e ativo diante da inexorável iminência da morte? Podem os movimentos da espinha de peixe corresponder a um movimento psíquico de elaboração e resignificação das dores e dos traumas imputados numa existência de quase cem anos? A mulher dançando pelada – atuada por Dona Menina na sessão – e a dança com o outro pelado, sem julgamentos, pode ser a expressão de um sonho-acordado, pelo qual podemos inferir um processo de transformação e mudanças indicando crescimento psicológico? Para todas essas questões, acreditamos que a resposta é sim.

Enfim, pensamos que Dona Menina veio para análise em busca do ar para nutrir seu fôlego de vida. Na sessão em que a analista ouve o sem-ar, percebe-se que o psiquismo de Dona Menina retirou do psiquismo da analista o ar de que ela precisava. E o mais incrível da percepção obtida: ela ainda conseguiu deixar o ar ali, no consultório, para, caso precisasse, retomar depois, para poder voltar.

Nesta última sessão, Dona Menina, antes de sair inteiramente do consultório, deixa claro um rastro de vida e de esperança. Ela diz: “*a gente veve, padece, sofre e, se não fazer gosto de viver, a gente morre à míngua. É preciso ter muita força e muita vontade*”. Talvez nós, indivíduos

(acrescentamos: psicanalistas), somos vividos para essa força que nos vem a despeito da morte, a despeito do berne que nos come vivos – por que não?

Desta feita, o consultório psicanalítico passa a ser o lugar de permissão para as transformações, para que as narrativas, antes não-representáveis, possam vir à tona em uma linguagem possível. Uma linguagem que possibilitou à paciente a figuração do irrepresentável, via imagens e metáforas, via figurabilidade, a fim de se chegar à recriação da vida. Porque aquilo que nos mantém de pé é a vida recriada, é a possibilidade inventiva dos sentidos. Do contrário, é tudo abismo, é tudo “eu vou morrer”, é tudo imóvel e inócuo. É tudo nada.

Dona Menina nos encantou – e o encantamento das sessões nos levou ao estudo sobre a figurabilidade e a este artigo – porque os seus 100 anos tão próximos, a sua velhice latente, a sua morte à espreita fizeram com que o sentido mais genuíno da psicanálise – a recriação da vida *apesar* da morte – ficasse mais evidente.

Vale dizer, por fim, que, apesar de ser muito visível em uma senhora de tão avançada idade, esta potencialidade de ir a si mesmo para sonhar e ressonhar a vida, permitida pela escuta analítica, ocorre a todos aqueles, jovens ou velhos, humanamente abertos à análise. Ocorre àqueles que fazem do instante, reinventado na imagem-palavra, um absoluto vivo que dá de ombros ao nada que virá. Melhor: que brinca com ele, como a criança que, nos versos do poeta-cantor,⁶ “vai sem temer o tempo”.

Figurabilidad y la Niña que no teme al tiempo

Resumen: En este artículo, los estudios sobre figurabilidad son la base para presentar el desarrollo del análisis de una paciente centenaria, aquí llamada Doña Niña. De la presentación de algunos extractos clínicos se desprende que el analizanda intenta “dejarse llevar”, es decir, doña Niña, de casi 100 años, busca un respiro en el análisis para sustentar la crudeza de la inexorable inminencia de la muerte. Con la aplicación de esta herramienta – figurabilidad

– se pretende llevar la psique del paciente al disfrute de una existencia vivida, resonando así, en este cuerpo, los intentos de un “bien morir”.

Palabras clave: figurabilidad, alucinatorio, regresión formal, primer tema freudiano

Figurability and the Girl who doesn't fear time

Abstract: In this article, studies on figurability are the basis for presenting the development of the analysis of a centenary patient, here called Dona Menina. From the presentation of some clinical excerpts, it is clear that the analysand tries to “let herself go”, that is, Dona Menina, almost 100 years old, seeks a breath in the analysis to sustain the rawness of the inexorable imminence of death. With the application of this tool – figurability –, the intention is to bring the patient's psyche to the enjoyment of a lived existence, thus resonating, in this body, the attempts at a “good death”.

Keywords: figurability, hallucinatory, formal regression, first Freudian topic

Referências

- Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. PUF.
- Botella, C. e Botella, S. (2002). *Irrepresentável: mais além da representação*. Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul. Criação Humana.
- Botella, C. e Botella, S. (2003). Figurabilidade e Regrediência. *Revista de Psicanálise de Porto Alegre*, 10(2), 249-341.
- Botella, C. (2016). Sobre o recordar: a noção de memória sem recordação. *Livro Anual de Psicanálise*, 30(1), 49-75.
- Brusset, B. (2005). Metapsychologie du lien et ‘troisième topique’? *Bulletin de la Société Psychanalytique de Paris*, pp. 19-88.
- Carels, N. (2001). Flux et reflux de la convergence. *Revue Française de psychanalyse*, 65(4), 1263-1273.
- Diatkine, G. (2001). Rythme et figurabilité. *Revue Française de psychanalyse*, 65(4), 1111-1116.
- Figueiredo, L. C. (2014). Escutas em análise/Escutas poéticas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 123-137.
- Ferrari, A. (2004). *Vida e tempo*. Casa do Psicólogo.

6 Referência à canção *Redescobrir*, composta por Gonzaguinha, e regravação por Elis Regina no disco *Saudade do Brasil*, de 1980.

- Freud, S. (1996a). Complementos metapsicológico para a teoria dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 15, pp. 89-229). Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (1996b). Construções em análise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23, pp. 275-290). Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (1996c). Interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão Trad., Vol. 4 e 5). Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996d). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 14, pp. 285-316). Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Green, A. (2000). *As cadeias de Eros*. Climepsi.
- Janin, C. (2001). Contenir par le contact, en cadrer par l'hallucinatoire. *Revue Française de psychanalyse*, 65(4), 1251-1261.
- Kahn, L. (2001). L'hallucinatoire, la forme, la référence. *Revue Française de psychanalyse*, 65(4), 1057-1074.
- Lisondo, A. B. D. (2010). Rêverie re-vsitado. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(4), 67-84.
- Maruco, H. (2013). O pensamento clínico contemporâneo: revisitando a técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(2), 67-72.
- Ogden, T. H. (2010). *Esta arte da psicanálise. Sonhando sonhos não sonhados e choros interrompidos*. Artmed.
- Pontalis, J.-B. (2005). *Entre o sonho e a dor* (C. Berliner, Trad.). Ideias & Letras.
- Rolland, J. C. (2016). *Os olhos da alma* (P. C. Souza Jr., Trad., A. M. A. Azevedo, Revisão técnica). Blucher.

Regina Lúcia Braga Mota
reginamota@terra.com.br

Keyla Carolina Perim Vale
kecapvale2@hotmail.com